



ELES BOTAM O BLOCO NA RUA: SOCIABILIDADES DE JOVENS HOMOSSEXUAIS EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Marcelo Perilo¹

Resumo: Discuto a constituição de espaços para sociabilidades entre homossexuais em ambientes públicos, bem como estratégias que utilizam para o usufruto de lazer na cidade. Sendo assim, por meio de uma pesquisa de campo realizada na cidade de Goiânia, no Brasil, verifico como um grupo de jovens apropria-se periodicamente de um parque e, nele, constrói um ambiente propício à paquera e à convivência entre amigos em detrimento a invisibilidade, silêncio e discrição. Atendo-me a articular classe, raça e geração destacando o lugar da diferença nas sociabilidades entre os jovens, o que se torna ainda mais denso quando os sujeitos nesta etnografia concorrem com outros grupos na ocupação de ambientes públicos e equipamentos urbanos.

Palavras-chave: sexualidades; sociabilidades; espaços públicos; antropologia.

Neste texto discuto sobre sociabilidades entre homossexuais em espaços públicos. As reflexões que aqui apresento são oriundas de minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. A partir do trabalho de campo realizado na cidade de Goiânia e região metropolitana, discorro sobre a elaboração de espaços para convivência entre homossexuais, bem como sua visibilização.

O ponto de partida para minha etnografia corresponde a uma área dentro de um parque na cidade de Goiânia. Nesse logradouro público, situado numa região nobre da cidade, garotas e garotos encontram-se regularmente e destacam-se dos demais usuários do parque por dois principais motivos: suas performances de gênero e a demonstração de afeto em público. A cada domingo, dezenas de jovens ocupam uma região dentro desse parque e assim estabelecem um ambiente convidativo ao flerte entre garotos e entre garotas. Trata-se de uma região que difere das demais no parque e passou a ser referido pelas jovens de diversas formas, sendo uma delas o termo “Área”.

Além do ambiente propício para flerte este local também se converte num ponto estratégico para encontros entre amigos, o que permite que mais pessoas se conheçam e

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. E-mail: gymp3@hotmail.com

passem a circular juntas pela cidade. Então, assim como os jovens da Área – e por convite dos mesmos –, também frequentei festas matinês e pude conhecer alguns dos bairros onde residem esses garotos da Área, geralmente localizados na periferia de Goiânia ou na região metropolitana.

Seguindo a proposição de Marilyn Strathern (2006), não tenho intenção de converter o “mundo” onde realizei o trabalho de campo em algo comensurável ou, ainda, simplificar suas complexidades. Minha proposta é mirar o foco analítico a situações verificadas na etnografia utilizando a seguinte estratégia narrativa: elegi alguns pares opostos que me auxiliam a pensar, sendo o principal par aquele que se estabelece a partir do contraste entre “público” e “privado”. Há ainda outros contrastes que favorecem minhas leituras, como “segredo” versus “revelação”, “comercial” versus “não comercial” e “visibilidade” versus “invisibilidade”.

Ainda segundo Strathern (2006), mesmo que essas oposições façam os termos contrastados se parecerem muito diferentes uns dos outros (quando não o são), tais pares opostos aqui apresentados são válidos enquanto ferramentas que me permitem uma análise por meio de ficções, ou seja, elaborações convenientes e controladas. Posto que a eleição desses pares opostos seja arbitrária, ela favorece leituras assumidamente restritas, parciais e, sobretudo, possíveis; ademais, delinea as tramas utilizadas para a composição do texto em si.

Dessa forma, na próxima seção do texto reflito sobre espaços para sociabilidade entre homossexuais no Brasil a partir de um diálogo de minha etnografia junto a outros trabalhos que também têm os espaços para encontros entre homossexuais em público como foco. Nas demais seções apresento episódios registrados na Área e os reflito com relação a demais situações verificadas nos bairros dessas garotas e garotos, além de casos que pude apreender durante o trabalho de campo nas festas matinês.

Sociabilidade entre homossexuais

Várias pesquisas auxiliam a reflexão sobre espaços para sociabilidades entre homossexuais no Brasil, ainda que grande parte desses trabalhos enfoque encontros e interações justamente em estabelecimentos comerciais. Desde a década de 1990, percebe-se uma crescente oferta de bens, produtos e serviços destinados especificamente a homossexuais. Incluem-se nesse processo a criação de locais para

encontro e convivência, como boates, bares e outros estabelecimentos². Verifica-se também que, paralelo a um crescente mercado, houve ainda a especificação do público que consome nesses lugares – e que consome os próprios lugares (FRANÇA, 2010; FACCHINI e SIMÕES, 2009).

Contudo, muito antes do surgimento de casas noturnas, bares, saunas e clubes de sexo, alguns espaços para encontro e convivência entre homossexuais já se faziam notórios. Os bailes e blocos de Carnaval, por exemplo, sendo alguns reconhecidamente frequentados por homossexuais, como aponta Fabiano Gontijo (2009). James Green e Ronald Polito (2008) apontam também a existência de alguns logradouros públicos como ruas, praças e parques que passaram a ser usufruídos por homossexuais para flerte e convivência.

Interessa-me então refletir as sociabilidades em público. Dessa forma, o que está em jogo neste artigo é como tais ambientes são elaborados e como se apresentam as pessoas que os frequentam. Abre-se assim um leque de situações que permitem o questionamento sobre o que se revela e o que se mantém em segredo nessas sociabilidades em espaços públicos, além das diferenças desses processos quando comparados com aquelas interações realizadas intramuros (LACOMBE, 2010).

Busco destacar situações onde as sociabilidades entre homossexuais não sejam regidos por uma economia do silêncio e da discrição, como podem ocorrer, por exemplo, quando das interações sexuais em bosques, banheiros ou ruas escuras. Ainda que ocorram em espaços públicos, tais contatos se caracterizam mais pelas interações sexuais fortuitas que pela ocupação de locais como uma alternativa a fim da articulação criativa para novos modos de convivência. Atenho-me então aos encontros que possam extravasar o mercado e que ocorram entre pessoas que se permitem visíveis.

Considerando que no Brasil³ não há bairros ou amplas regiões nas cidades que poderiam ser chamadas de gays (MISKOLCI, 2007), há em contraposto certos locais que passam a ser ocupados como âmbito de convivência entre homossexuais e que

² Ainda que nos anos 1990 a oferta de locais tenha se intensificado, a emergência de um mercado homossexual no Brasil está relacionada a outros processos e situações que não trato neste artigo. Contudo, destaco como um exemplo a existência de estabelecimentos como a boate Alfredo, no Rio de Janeiro, que funcionou na década de 1960 (Gontijo, 2009). Green e Polito (2006) registram ainda que um casamento entre dois homens nessa boate no ano de 1962 foi motivo de um grande furor na cidade.

³ Considero necessário tomar muitas precauções na tentativa de refletir processos que por ventura digam algo sobre o país. Não quero incorrer em um discurso totalizante e sequer tenho a pretensão de fazê-lo. Destaco apenas que há possibilidades de leituras assumidamente parciais, fragmentadas e situadas sobre os processos que trato neste texto e que acredito serem boas para pensar em conjunto com outros trabalhos aqui citados.

favorecem um olhar sobre esses tipos de encontros principalmente em grandes centros urbanos. Esse é o caso da Área, região onde os garotos e garotas se reúnem num parque público de Goiânia. Sendo assim, destaco alguns outros trabalhos que me auxiliam a refleti-lo em diálogo com minha etnografia.

Em muitos desses lugares, sejam ruas, praças e parques, há uma constante ameaça de violência por parte de transeuntes como que numa represália às demonstrações de afeto e às performances de gênero daqueles que ali frequentam. Isso ocorre na Área e, ainda, pode ser verificado na etnografia de Glaudiane Holanda (2006), realizada na Praça da Gentilândia, em Fortaleza. Em ambos os locais registra-se ocasionalmente a presença de policiais militares ou demais agentes de segurança pública que demonstram uma postura ambígua: em determinados momentos cobrem agressões que venham a sofrer o público que comparece a esses locais; e em outras circunstâncias atuam como quem perpetra violências, como em abordagens agressivas.

Outra peculiaridade da ocupação dessas regiões em público para interação entre homossexuais são os encontros em dias e horários específicos. A reunião de dezenas de pessoas na Área ocorre aos domingos durante os períodos vespertino e noturno. Nas imediações do shopping Nova Olaria, em Porto Alegre, assim como registrado por Thais da Silva (2008), percebe-se também que a maior aglomeração de pessoas ocorre nas tardes e noites de domingo. Assim, a transformação do espaço para tais sociabilidades corresponde a uma periodização que inclui a ocupação do lugar, a permanência e posteriormente uma desocupação, sendo esse processo uma constante a cada semana.

Nas cidades mencionadas, é possível verificar algumas características em comum entre as pessoas que participam dessas sociabilidades em público. Em primeiro lugar, seus frequentadores são garotas e garotos jovens, geralmente adolescentes. Somado a esse aspecto, a maioria desses jovens são de segmentos populares ou médios-baixos. Outro destaque é que grande parte desse grupo de pessoas que se encontram em público são negros ou pardos frente a poucos frequentadores brancos.

Uma peculiaridade verificada nesses trabalhos diz sobre os trânsitos realizados pelos jovens para essa criação e ocupação periódica de espaços para sociabilidade, pois muitos saem dos bairros onde residem (geralmente na periferia das cidades ou em suas regiões metropolitanas) rumo a regiões centrais e/ou nobres de grandes centros urbanos. O mesmo ocorre na Área, sendo que os equipamentos públicos utilizados pelos jovens passam a ser concorridos com outros grupos que também frequentam os mesmos locais.

Há, então, uma disputa por espaços dentro desses logradouros públicos, o que também registra Raphael Bispo (2009) em sua etnografia com emos na Quinta da Boa Vista, um parque público na cidade do Rio de Janeiro.

Dessa maneira é possível destacar que essas sociabilidades entre homossexuais são marcadas por um público marcado por raça, classe e geração, o que também se verifica no trabalho de Tiago Duque (2011) quando este trata dos encontros entre adolescentes nas praças Bento Quirino e Carlos Gomes no município de Campinas. E também na etnografia de Regina Facchini (2008) consta o registro de encontros entre jovens no estacionamento de um shopping que ocorre nas tardes de segunda-feira, sendo que a maioria dos frequentadores do local são adolescentes negros e pardos que residem em uma zona periférica da cidade de São Paulo.

Ainda que nos trabalhos citados haja possibilidade de se identificar a predominância de algumas características similares entre essas pessoas que utilizam esses logradouros públicos, mediante outras pesquisas é possível constatar regiões com público mais heterogêneo e que de certa forma contrastam com aqueles jovens da Área, por exemplo. Como um desses casos é possível mencionar a região entre o largo do Arouche e praça da República, em São Paulo capital, como indicam Júlio Simões, Isadora Lins França e Marcio Macedo (2010). Há ainda a rua Farme de Amoedo, na cidade do Rio de Janeiro, bem como a região contígua situada na praia de Ipanema, como registrado por Fabiano Gontijo (2009). Qualquer maneira, em todos os ambientes mencionados os encontros entre as pessoas presentes ocorrem em contextos de lazer e oportunizam uma região para convivência que não se restringe ao flerte ou a paquera.

Mediante esses registros foi possível caracterizar a Área e considerar suas peculiaridades frente a demais trabalhos realizados no país que também pautam tais encontros em espaços públicos. Sendo assim, a seguir apresento outras situações que permitem pensar mais aspectos relacionados às áreas de sociabilidade quando estas estão para além das paredes de estabelecimentos comerciais e ainda quando há uma ocupação periódica de um logradouro público para encontros entre homossexuais.

Sobre o visível e o segredo

Uma das primeiras pessoas com quem convivi no trabalho de campo realizado entre 2010 e 2011 foi Andréia⁴. Eu a conheci numa festa matinê⁵ quando a garota ainda

⁴ Os nomes aqui mencionados não correspondem àqueles utilizados pelos jovens.

tinha quinze anos e desde então nos tornamos próximos, o que permitiu que ela me convidasse para visitar seu bairro e também me apresentasse várias pessoas que também frequentavam a Área. Andréia era negra e magra, sempre trajava um corte arrojado em seu cabelo longo e liso. A garota morava com seu pai e mãe numa cidade da região metropolitana de Goiânia. Como não trabalhava, ela tinha certa flexibilidade para realizar encontros com pessoas conhecidas da Área em outros dias da semana.

Apesar de ser assídua na Área e geralmente estar acompanhada de garotas com quem caminhava de mãos dadas e beijava, Andréia adotava uma postura que pode auxiliar à compreensão de alguns limites e condições para a demonstração de afeto e para a assunção da homossexualidade em público. No contexto de seu bairro, Andréia convivia com seus vizinhos e com colegas do colégio público onde estudava e nesses ambientes promovia uma espécie de administração do segredo acerca de sua sexualidade, ou seja, buscava manter um sigilo sobre o fato de ter namoradas. Uma das estratégias de Andréia era utilização de uma aliança que representaria algum compromisso, inclusive com alguns namorados que tinha paralelos aos demais relacionamentos com mulheres.

A seus pais e vizinhança, Andréia compartilhava apenas o contato que tinha com garotos, sendo que apenas em outros bairros que frequentava na cidade e mais explicitamente na Área a garota se permitia flagrar em trocas de carícias com suas companheiras. Dessa forma, o caso de Andréia permite compreender outra relação entre segredo e revelação sobre a homossexualidade, posto que com tal situação é possível identificar distintas posturas de algumas pessoas no caso da ocupação de espaços públicos para sociabilidade, tais como a Área.

A garota, assim como outras colegas também presentes no parque, apesar de promoverem uma intensa visibilização de seus afetos nesta região específica na cidade, procura promover um sigilo sobre suas relações homoafetivas frente a outras pessoas e outras redes que mantém em regiões distintas nas cidades. Em lugar de um ocultamento da homossexualidade em boates, bares e outros estabelecimentos comerciais, nesse caso o próprio espaço público é o local onde se pode cultivar esse tipo de segredo, ainda que tais interações entre Andréia e suas companheiras ocorram no período vespertino.

⁵ As festas que acompanhei ocorriam ocasionalmente aos domingos na boate Total Flex, funcionavam entre as 15 às 21 horas e eram abertas a um público que tivesse a partir de 15 anos. Os organizadores da matinê não vendiam bebidas alcoólicas e mantinham um atento controle sobre as interações afetivas entre as garotas e os garotos presentes na boate a fim de evitarem problemas com órgãos que assistem a crianças e adolescentes.

Resulta que Andréia e outras pessoas que assim o fazem não estão isoladas ou pouco numerosas. Além das pessoas no parque, há ainda dezenas de outras situadas na região específica deste logradouro público onde há a Área. Assim, como não são dois ou três, senão quarenta a sessenta jovens, as consequências e os potenciais de tal ocupação do parque não recaem necessariamente sobre algumas pessoas, mas ao coletivo de jovens que ali se organiza aos domingos e faz tal região ser assim reconhecida. Paralelamente, o trajeto de Andréia pela cidade permite certa eficácia em sua gestão do segredo, pois o bairro onde reside e as demais pessoas que conhece estão distantes dessa região onde mantém seus relacionamentos com garotas.

Outro aspecto importante a ser considerado é a razão para que esses encontros ocorram no parque onde há a Área. Como tal logradouro público está situado numa área central e nobre da cidade, há talvez mais incentivos às demonstrações de afeto e às performances de gênero entre esses garotos e garotas. Isso porque nestes ambientes a polícia e demais agentes de segurança pública podem ser mais permissivos ou menos agressivos, posto que essa região da cidade é inclusive mais segura. Quando esses jovens retornam a seus bairros a relação com a polícia e as possibilidades de denúncia por possíveis abusos podem ser precárias⁶.

O parque público como local para a assunção da homossexualidade versus o bairro distante como local para o segredo permite que os jovens da Área não tenham que utilizar os estabelecimentos comerciais como uma condição para o ocultamento de suas performances e afetos. Assim, as matinês e outros ambientes relacionados ao mercado em que venham a frequentar esses garotos e garotas são mais alguns dos locais elegíveis para que convivam entre amigos e também tenham acesso a encontros com namorados. Então, é preciso considerar que mesmo num ambiente em que não impera o silêncio, a discrição e a invisibilidade sobre as performances e afetos dos garotos em questão, em algum nível opera uma modalidade de regulação de suas vidas onde há um jogo entre o ocultamento e a revelação de suas condutas eróticas mediante cada um dos contextos e situações em que estão inseridos.

Como destaca Eve Sedgwick, “mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas” (2007: 22). O armário, como dispositivo de regulação da vida social, exige algum tipo de

⁶ Agradeço ao antropólogo Roberto Cunha Alves de Lima por ter sugerido tal tema quando participou como arguidor de minha banca de qualificação.

administração de uma vida “dupla” (MISKLOLCI, 2007). No caso de Andréia e de algumas pessoas da Área, o que se segreda nos bairros passa a ser exposto no contexto do logradouro público, o que demanda que essas jovens lidem com alguns problemas, como a violência.

Ainda que busque uma administração do segredo, o mesmo surge como um potencial incentivo para que Andréia seja assídua na Área e não tenha suas experiências espaciais interdidas do espaço público (SILVA, 2009). Como não estão necessariamente dentro de ambientes comerciais e, portanto, provisoriamente protegidos por tal estrutura, a ameaça de represálias por parte de transeuntes, além de efetivas agressões físicas sofridas, são situações às quais as pessoas na Área precisam ter em conta quando frequentam o parque.

Sobre espaços e diferenças

Outro caso importante a ser refletido diz respeito às posturas de Paulo e seus trânsitos na cidade. O garoto em questão é negro e magro; morador de um bairro na periferia da Goiânia e o conheci quando ele tinha 17 anos. Conversei com Paulo pela primeira vez num encontro entre alguns conhecidos da Área que foi organizado por Andréia. O garoto não morava com sua mãe, que sabia sobre sua homossexualidade e tinha resistências com relação ao tema. Paulo então residia na casa de um tio e não deixava de ter encontros com sua mãe, pois trabalhavam juntos numa confecção montada na casa onde o garoto também dormia.

Paulo não ocultava de sua família e de colegas o seu interesse por relações com outros homens e buscava se organizar para evitar possíveis represálias ou agressões. Uma das estratégias que dispunha o garoto era eventualmente sair de casa portando um canivete. A navalha não era amolada e sequer era fixa no cabo do canivete, mas segundo Paulo o simples ato de manter esse instrumento consigo lhe oferecia alguma segurança frente à homofobia e outras violências que poderia sofrer em seu bairro e demais regiões em que transitava na cidade.

O garoto utilizava dos encontros na Área para investir em roupas, maquiagem e acessórios que não correspondiam àqueles que utilizava cotidianamente, como bermuda e camiseta. Então, em alguns domingos Paulo chegava ao parque trajando vestido, salto alto, bolsa e batom, além de uma peruca lisa que encobria seu cabelo curto e crespo. Quando o garoto aparecia assim no parque era reconhecido pelo nome de Priscila e por

meio dessa montagem, Paulo permite a identificação de outra peculiaridade dos encontros na Área, ou seja, a reunião de pessoas com os mais variados estilos e, ainda, onde há um ambiente permissivo a potenciais experimentações e trânsitos com relação a performances de gênero e aos investimentos corporais.

Ao menos nas experiências de Paulo e de outras jovens na Área, a possibilidade de investimento em outras estéticas e em outra relação com seu próprio corpo não necessariamente dependem de ambientes comerciais para que se consumem. Ademais, mesmo que nas matinês ou demais ambientes que esses jovens possam frequentar haja o chamativo da segurança, o valor da entrada e a dificuldade de consumir os produtos oferecidos nestes espaços podem ser barreiras consideráveis.

Com isso, sinalizo que não há por partes desses jovens uma deliberada recusa ao mercado frente a uma suposta eleição consciente do espaço público como lócus para elaboração de suas sociabilidades. Considero que talvez não haja uma relação tão prestigiada dessas pessoas frente a estabelecimentos comerciais porque os jovens que frequentam a Área não corresponderiam aos extratos mais valorizados em contextos onde as hierarquias que conformam sujeitos desejáveis não são compatíveis com as performances de gênero, como as de Paulo, e nem com a confluência entre os marcadores diferença de muitas pessoas da Área com relação a classe, raça e geração.

Questionar quem e sob que condições é necessário negociar essa ocupação de logradouros públicos a partir das experiências desses jovens permite identificar que essa permanência em regiões como a Área não corresponde a uma intencionalidade por parte dos garotos e garotas ou um ideal expresso em suas narrativas. Em lugar de pensar que essas sociabilidades em público são uma escolha para esses jovens, é possível pensar que os trânsitos que realizam entre bairros, matinês e o parque lhes viabilizam o usufruto de um maior espectro de sociabilidade que implica em acesso a outros lugares e instâncias para além do mercado (DUQUE, 2011).

Considerando a existência de dispositivos que insistem na manutenção da homossexualidade ao âmbito do privado e, simultaneamente, reforçam a heterossexualidade como permissível e anunciável em público (RUBIN, 1989), a Área caracteriza-se como uma exceção. Entretanto, ainda que haja uma iminente violência e demais inconvenientes, talvez os ambientes como a Área e os demais citados neste texto possam ser locais privilegiados para as pessoas que os frequentam justamente porque em outros locais seu acesso pode ser indesejável ou inviabilizado.

Referências

- BISPO, Raphael. *Jovens Werthers: antropologia dos amores e sensibilidades no mundo emo*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional/ PPGAS, 2009.
- DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.
- FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado: Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- FRANÇA, Isadora. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado: Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- GONTIJO, Fabiano. *O rei momo e o arco-íris: homossexualidade e carnaval no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- GREEN, James; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- HOLANDA, Glaudiane. *Entre o proibido e o permitido: (des)montagem de uma praça*. Monografia de graduação: Universidade Estadual do Ceará, 2006.
- LACOMBE, Andrea. Ler[se] nas entrelinhas: sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2010.
- MISKOLCI, Richard. Comentário. In: *Cadernos Pagu*. Jan./June, n. 28. 2007, p. 55-63.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cad. Pagu*, Jan./June, n. 28, 2007, p. 19-54.
- SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. In: SILVA, Joseli Maria (org.). *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 135-149.
- SILVA, Thais Coelho da Silva. *Juventude trans-viada: identidades marcadas invadem a rua*. Dissertação de mestrado: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.
- SIMÕES, Júlio; FRANÇA, Isadora; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: *Cad. Pagu*. Campinas, n. 35, Dec. 2010, p. 37-78.
- STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.